

De Sânzio de Azevedo

Penélope

Que tecedera bizarra,
de dia tece a mortalha

do sogro. De noite, entanto,
desfaz o que custou tanto.

Os pretendentes esperam
a escolha da viúva bela.

Viúva, sim, pois creem todos
que há muito Odisseu é morto.

Será a escolha anunciada
com a mortalha terminada.

Só Penélope ainda crê
que vai rever Odisseu.

3ª PARTE

POESIA

De Sânzio de Azevedo

Penélope

Que tecedeira bizarra:
de dia tece a mortalha

do sogro. De noite, entanto,
desfaz o que custou tanto.

Os pretendentes esperam
a escolha da viúva bela.

Viúva, sim, pois crêem todos
que há muito Odisseu é morto.

Será a escolha anunciada
com a mortalha terminada.

Só Penélope ainda crê
que vai rever Odisseu.

As Valquírias

Há um combate na terra, e lá vêm as Valquírias,
mensageiras de Odin; algumas, suas filhas.

Montadas em corcéis, fortes, loiras e belas,
brandindo as lanças no ar, essas bravas donzelas
deixaram a calma do castelo de Vingolf,
e, junto dos heróis, lutam com destemor.

Os guerreiros se animam ao lado das Valquírias,
pois são elas penhor de um ditoso porvir:

são elas que conduzem os lutadores mortos,
os que pugnaram muito, os que foram heróis.

O campo de batalha é apenas ante-sala
da bem-aventurança infinda do Valhala.

De Horácio Didimo Ano Novo

Luz Vermelha que se Azul
Para Nilo Maciel
O amor jamais acaba. (1. Contos 13,8)
Mas como ver o invisível? (p.102)

Humanidade sofrida
Engorçada e repleta
Na beleza da natureza
La se escondia a azul
E aquela verde espe
Mas flores
De um amor que não se cansa
Carregamos nosas cruz
Pisando pelas calçadas
Mas nosas despedidas
Luz vermelha que se azul
Luz azul que reverdece
Luz verde como uma prece

Exercícios de Administração

Vale como indulto

sutil, na cesta de figos,

o veneno oculto.